



EDITORIAL / EDITORIAL

CORPO E TEOLOGIA*Body and Theology*

Uma consulta do vocábulo body no motor de pesquisa Google nos dá uma estatística de mais de setecentos e dezessete milhões de referências. O sintagma Theology of the Body atinge os não desprezíveis nove milhões de resultados. O título de um recente volume publicado no Brasil dá a noção do fenômeno: “O triunfo do corpo”. De fato, pensadores como Michel Henri, Xavier Lacroix, Adolphe Gesché e David Le Breton, entre outros, tornaram-se obrigatórios na reflexão acadêmica sobre a temática do corpo nos últimos anos. Há uma eferescência de fenomenologia da vida, um fervilhar de corporeidades e teologias. Como, então, compreender esta irresistível febre em torno da temática? Como constatar fenomenologicamente os dados e analisá-los à luz da revelação cristã sem cair em leituras moralistas e preconceituosas? Ora, o dado fundamental da nossa fé é o fato de que Deus se fez Corpo “nascido de mulher” (Gl 4,4). Este mesmo corpo exangue no madeiro é o corpo do Ressuscitado, presença eucarístico-sacramental no Corpo-Igreja. Paradoxalmente, a ressurreição de um corpo é a primeira palavra da fé cristã.

Pululam pelo Brasil afora as academias. Corpos sarados e esculturalmente delineados pelas muitas horas de malhação e pelos suplementos alimentares movem uma indústria agressiva que vende segundo a mordaz avidez dos consumidores. São corpos que consomem e se consomem em busca da perfeição, engendrando uma cultura fitness. No último Campeonato Mundial de Futebol, os lances geniais do futebol talvez tenham feito menos sucesso do que a pintura do cabelo, as caras e bocas, o olhar e o sorriso milimetricamente direcionados para encontrar a mais próxima câmera capaz de captar, em imagens cada vez mais perfeitas, os suspiros, as curvas e o movimento dos corpos. Afinal, body is business. Na passarela, modelos cada vez mais magros, socializam sonhos de consumo para públicos cada vez mais jovens. O percentual de gordura corporal ideal povoou o sonho e os pesadelos de atletas, artistas, modelos e de homens e mulheres comuns. Surgem simplesmente corpos insípidos, inodoros, imagens “photoshopadas” sem suor ou ruga, parecem híbridos e quase sintéticos. Estas expressões se misturam à força

do erótico, do desejo hedônico que frui a radical aventura emocional do átimo de segundo. Na economia, por outro lado, o corpo é visto apenas como um corpo consumidor, capaz de satisfazer desejos e necessidades reais ou fantasiosos, fabricados por hábeis profissionais do marketing assessorados pelas ciências do psiquismo. Neste ambiente, reside também outra das primeiras e grandes ambiguidades da cultura contemporânea: enquanto a convivência cotidiana supervaloriza o corpo, a exterioridade e a aparência, a sociedade virtual tende a individualizar pessoas ou conectá-las em rede, mas quase sempre eliminando as relações corpóreas do horizonte vital. Provavelmente, o desaparecimento das grandes narrativas sociais levou-nos a uma exagerada preocupação com o próprio corpo e com a exterioridade. O grave é que se torna cada vez mais difícil captar a própria identidade a partir do corpo, pois há fluidez e liquefação em relação aos próprios conceitos de corpo, gênero ou orientação sexual. No âmbito da manipulação da vida, das ciências médicas, das novas tecnologias e da cosmética, impressionam as novíssimas abordagens sobre o corpo, pois ele ainda é a herança de outros em nossa história pessoal. Há um desejo de personalizar o próprio corpo, inclusive para libertá-lo das deficiências, das marcas, dos condicionamentos ou de quaisquer influxos externos. Apela-se para novas formas de um dualismo neocartesiano hi-tech, para o biotecnológico e o nano, a neoeugenia e o ciborgético, para o uso de células-tronco e a manipulação genética, para as cirurgias plásticas e a cosmética, para uma nova relação entre cérebro e informática, para as experimentações físicas e o uso de substâncias químicas. Surge um ser pós e trans-humano, pós e transc corporal. Por outro lado, a ciência médica nunca falou tanto do transcendente, da fé e do simbólico necessários para a própria saúde do corpo. Urge provavelmente uma passagem do estético ao ético – e talvez ao ontológico –, pois tornou-se pertinente a pergunta sobre a própria relação de um “corpo nômade” com o ser não catalogável.

O Cristianismo, ao longo da história, lidou com o corpo com certa ambiguidade. Por um lado, todas as verdades de nossa fé passam pelo corpo; por outro lado, sempre permaneceu a tentação dualista da negação e da espiritualização do corpo ou de compreendê-lo como prisão da alma. Há certa suspeita em relação ao carnal, ao corpóreo. Aliás, em certos ambientes cristãos, defendeu-se que o corpo precisa ser dominado, desenvolvendo-se uma espiritualidade do sofrimento e de sua mortificação. O dualismo moderno, evadido de uma perene dose de gnosticismo, por outro lado, reforçou esta lógica, privilegiando uma leitura da vida a partir de um prisma racionalista, antropocêntrico e androcêntrico. Contudo, Deus se fez corpo, encarnou-se (*Verbum caro factum est*), e este corpo foi morto na cruz. E isto continua sendo loucura para as antigas e novas sabedorias helenizadas (1Cor 1,18). O corpo da manjedoura é o mesmo do madeiro. A ressurreição também é compreendida como ressurreição do corpo. Nenhuma relação de amor, nenhuma memória, nenhuma história é negada. Tomé é convidado a colocar o dedo nas marcas dos cravos exatamente para exorcizar toda pretensão de um Messias triunfalista e sem cruz, para novamente conectar o ressuscitado com o encarnado-crucificado. Os sacramentos, além de serem sinais da presença de um corpo, só podem ser percebidos na dimensão sacramental-real a partir da mediação dos nossos corpos, das nossas percepções sensoriais. Estes são pontos firmes da revelação cristã. De

fato, tinha razão Tertuliano, ao refletir sobre a ressurreição dos mortos, quando afirmou: *caro cardo salutis est* (“A carne é o eixo da salvação”). Não se pode pensar teologicamente fora do corpo. O corpo se torna, de fato, um locus real, relacional, cristológico, eclesiológico, eucarístico, sacramental, cósmico e escatológico a partir do qual se pode esboçar algum discurso sobre o agir em Deus e sobre o próprio Deus. De algum modo, como diria Gesché, “o corpo é caminho de Deus”. Toda e qualquer teologia cristã tem como tarefa libertar o corpo dos antigos e novos dualismos, das antigas e novas gnosos.

Na perspectiva bíblica, o corpo é aquilo que nos relaciona com os outros, com o mundo e com Deus. O ser humano, homem e mulher, na sua dimensão de alteridade corpórea, é fundamentalmente “muito bom” (Gn 1,31) exatamente porque é “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26), convidado à liberdade e ao trabalho, por meio do qual participa do ato criador de Deus. Três conceitos semíticos clássicos se referem ao ser humano corpóreo e total. A antropologia hebraica, contudo, não conhece a divisão em blocos estanques. Essas são dimensões do ser humano que o designam como um todo. *Bāšār* significa a carne de qualquer ser vivo: refere-se ao ser humano na sua dimensão biológica e de caducidade física e moral. *Nefeš* é a noção central da antropologia israelita. Significa, em primeiro lugar, a garganta, e, por metonímia, a respiração, o hálito. Assim, torna-se o princípio vital comum a homens e animais. Passa a designar o ser humano como vida e movimento, a pessoa concreta animada por seu próprio dinamismo. É, na verdade, uma expressão totalizante do ser humano, que é um corpo animado, superando, assim, toda e qualquer dicotomia. Já o termo *rûaḥ* indica o ser humano enquanto ser vivente e como pessoa na sua relação com a fonte de toda vida que é Deus. É o ser corpóreo enquanto plenamente aberto à transcendência. É usado inúmeras vezes para designar o espírito de YHWH e seu influxo sobre o espírito humano que o conduz a uma nova dimensão. Estes termos não têm equivalência precisa nas línguas ocidentais modernas. Esta talvez seja a maior dificuldade de se traduzir, em conceitos modernos, a antropologia semítica.

Nas últimas décadas antes de Cristo, o Judaísmo se apropriou do conceito de imortalidade (*athanasia* – 4Mc 14,5; 16,13; Sb 3,4; 8,13), introduzindo um dado da cultura helenística e da própria filosofia grega para a compreensão do destino do ser corpóreo depois da morte. Mesmo tendo sido assumido por Paulo (1Cor 15,53s), este conceito parece não ter povoado o horizonte teológico de Jesus de Nazaré. O diálogo entre a “imortalidade da alma” e a experiência da “morte-ressurreição do corpo” permanece ainda como tema sujeito a novas clarificações. No Novo Testamento, o ser humano aparece como alguém diante de Deus em sua condição criatural e em sua caducidade; em sua condição de eleito e chamado; em sua obediência e desobediência. O ser humano recebeu de Deus seu ser e sua existência histórica. Por isso, sua relação fundamental com o Senhor se realiza a partir do primeiro mandamento, na filial abertura para o senhorio de Deus. O projeto de felicidade para o ser humano passa necessariamente pela prática da vontade de Deus. Obviamente, o dado fundamental do Novo Testamento é a posição do ser humano diante de Cristo, “o homem novo”. Para Paulo, o ho-

mem sem Cristo é sempre “homem velho”, pois se comporta somente conforme a Lei. Jesus Cristo é o novo Adão, estatura da nova humanidade. No Batismo, o homem velho é crucificado com Cristo e, por meio da incorporação ao Corpo de Cristo, plenamente reconciliado e regenerado (1Cor 6,11), torna-se filho no Filho (Gl 4,1-7) e é inserido num corpo eucarístico-eclesial (1Cor 10,16-17; 11,23-26; 12,12-13). Mesmo não tendo elaborado um tratado sistemático de antropologia, a compreensão neotestamentária de pessoa corpórea depende fundamentalmente do léxico estabelecido por Paulo, que compreende o ser humano a partir de sua hermenêutica cristológica. Ele pode ser, em grandes linhas, definido a partir de quatro vocábulos basilares – sōma, sarx, psychē e pneuma – que retomam, de certo modo, a perspectiva veterotestamentária.

No ministério público de Jesus, ele encontrou pelas estradas empoeiradas da Palestina e arredores corpos-farrapos, pobres, raquíticos, pecadores e impuros. Acorriam a ele para escutá-lo e tocá-lo, mesmo que fosse a orla do seu manto, corpos desesperados, cansados e fatigados: crianças e mulheres, prostitutas e ladrões, leprosos, paralíticos, coxos e encurvados, hemorroíssas, lunáticos e possessos. Simplesmente corpos. Humanos, amados, desejosos de alento e transfiguração. Jesus lhes anuncia um shabbat de Deus, restitui-lhes o esplendor e o brilho da criação, inserindo-os no protagonismo do Reino. Torna-os seguidores e seguidoras por meio de seus toques libertadores e salvíficos. Mas, afinal, “quem me tocou?” (Mc 5,30).